

POLÍTICA

Nas eleições, o carnaval indiano

Eleitores de todas as classes sociais vão às urnas, em cinco fases, para eleger 543 parlamentares

Rakesh Vaidyanathan*

Enquanto você está lendo este artigo, as eleições para o próximo governo indiano – para o período 2009-2014 – estão em andamento. Entre os países do BRIC, somente no Brasil e na Índia as eleições geram uma excitação que se compara a um bom jogo de futebol. Na Rússia e na China, geralmente pode-se prever o resultado final antes das "eleições". Há outra semelhança entre Brasil e Índia: a sua vibrante indústria de comunicação. Os partidos políticos indianos ainda não são capazes de atingir os US\$ 60 milhões gastos unicamente por Obama em propaganda, mas, em termos totais, a Índia já ultrapassou os EUA. Pesquisa recente conduzida pelo Center for Media Studies aponta o custo estimado para as eleições parlamentares em aproximadamente US\$ 2 bilhões – mais do que Obama e outros gastaram nas eleições presidenciais americanas.

Enquanto os EUA têm a mais antiga democracia do mundo, a Índia é a maior democracia do planeta, com um eleitorado de 714 milhões de pessoas elegendo seus representantes para as 543 cadeiras do Parlamento (Lok Sabha). As cinco fases das eleições se estendem entre 16 de abril e 16 de maio, a última sendo a data onde vamos (com sorte) saber que tipo de governo assumirá a Índia na próxima década. A Índia é um modelo de experimento inacabado de democracia: ainda está em trânsito entre o modelo de governo de cima para baixo deixado pelos ingleses, tentando forjar um modelo mais inclusivo, enquanto mantém suas estruturas. E vale destacar que a qualidade mais importante de um político em uma democracia não é sua sofisticação ou sua inteligência superior, mas sim a sua legitimidade. Gente como Lalu (que incidentalmente é um anagrama de Lula) é exemplo de que o experimento político indiano está funcionando e de que a sociedade vem elegendo líderes que ela acredita serem seus.

Apesar de a Índia ser uma pirâmide com uma grande parcela da elite no seu topo, o sucesso da democracia indiana é que a pirâmide é invertida através das eleições, a cada cinco anos. O instrumento que ajuda



FORÇA FEMININA – As cinco fases das eleições se estendem de 16 de abril a 16 de maio. Em disputa, 543 cadeiras do Parlamento

a inverter a pirâmide, pelo menos como idéia, é o voto. O valor e o simbolismo de um simples voto foram exemplificados por uma sessão eleitoral que está sendo constituída em uma circunscrição chamada Una, no distrito de Junagadh, em uma pequena aldeia na floresta do Gir: ela vai servir a um só eleitor.

Há 43 milhões de novos eleitores desde que as últimas eleições ocorreram, em 2004. O mais significativo é que essas eleições verão uma mudança de foco da Índia rural para a Índia urbana. O número de cadeiras nos centros urbanos cresceu drasticamente após a recente delimitação, um processo de redefinição de fronteiras das circunscrições eleitorais baseado nos dados do último censo, em 2001. O outro fator é o aumento de jovens indianos. O grupo com idade entre 18 e 35 anos vai finalmente ofuscar o segmento mais velho. Isso se reflete pelo fato de a nova geração da família Neh-

ru-Gandhi e o líder do Youth Congress (Congresso de Jovens), Rahul Gandhi, embora relativamente novo na política, virem atraindo grandes massas. Também, o candidato a primeiro-ministro do BJP, L. K. Advani (82 anos), tem visitado aca-

Há 43 milhões de novos eleitores desde os últimos pleitos, que ocorreram em 2004

demias, levantado peso e lançou um blog para se conectar à população jovem urbana de universidades.

Os 170 milhões de jovens eleitores são uma entidade imprevisível, que pode balançar a eleição em favor de qualquer um dos lados. E vale lembrar que as eleições indianas não

são ganhas no nível nacional, mas no nível regional, onde a política de identidade de centenas de milhares de castas e dezenas de línguas interage com questões locais. Assim, a estratégia deve ser regional. Esta é a beleza do grande jogo indiano: você sequer sabe em que nível ele será decidido, menos ainda quem ganhará. Quando um experimento de tal complexidade apresenta um resultado, a sua legitimidade nunca é questionada. O povo acredita que, por mais espertos e astutos que os partidos políticos ou os políticos possam ser, ninguém pode ganhar do sistema.

O resultado, ao contrário do Paquistão mais homogêneo (religião, língua e etnia) que se tornou independente ao mesmo tempo que os países latino-americanos – que obtiveram a sua independência décadas antes da Índia –, temos uma Índia diversificada e cacofônica, que nunca sofreu um regime militar

desde a sua independência, em 1947. O notório historiador indiano Ramachandra Guha cita Winston Churchill, que considerava a diversidade indiana como o principal problema para a democracia e pensava que a Índia jamais seria capaz de administrar a democracia sozinha e que os ingleses deveriam ter continuado como colonizadores. Se os ingleses partirem, dizia Churchill, "a Índia retrocederá muito rapidamente, através dos séculos, para a barbárie e as privações da Idade Média".

Quase oitenta anos após tal afirmação, podemos seguramente dizer que não somente nós, mas até mesmo o grande Winston Churchill não pode prever o resultado no que se refere à democracia indiana.

(*) Rakesh Vaidyanathan é fundador e secretário-geral da Câmara de Comércio Brasil-Índia. E-mail: secretariogeral@ccbrasilindia.org.br

ARTIGO - EM MEIO À CRISE GLOBAL

Economia: regressão ou flexibilidade?

Subir Gokarn*

Neste artigo vou abordar, através de tópicos resumidos, a economia indiana em 2009/2010.

Desaceleração: a taxa de crescimento da Índia está em desaceleração acentuada. O trimestre de outubro a dezembro registrou 5,3% de crescimento ao ano, comparado aos 7,8% registrados de abril a setembro no ano fiscal de 2008-2009 (abril a março). O momento negativo deve persistir no trimestre de janeiro a março, bem como no trimestre de abril a junho do ano fiscal de 2009-2010.

Perspectivas: para prever como a economia se desenvolverá em 2009-2010, precisamos entender como se materializou a desaceleração. Embora o tempo coincida com uma descontinuidade financeira significativa causada pelo colapso da Lehman Brothers, suas raízes estão em eventos macroeconômicos

do começo de 2008. A onda inflacionária, no fim de 2007, com um acentuado aumento do preço do petróleo, foi reforçada no início de 2008 pelas pressões nos preços de mercadorias e alimentos. As taxas de juros aumentaram e a liquidez se restringiu, fatos que levaram ao impacto no crescimento poucos meses depois. Em outubro de 2008, após o colapso da Lehman Brothers, evasões massivas de capital ocorreram nos mercados emergentes, inclusive na Índia. Isso, entre outros fatores relevantes. Agora, os bancos centrais – inclusive o Reserve Bank da Índia – têm facilitado nas taxas de juros e liquidez desde que a ameaça de inflação foi reduzida. Mas isso também funciona como um atraso, indicando restauração na demanda interna no trimestre de outubro a dezembro de 2009-2010. As perspectivas continuam ruins para as grandes economias e significam que as exportações serão fracas durante o ano.

Influências estabilizadoras: além da resposta monetária, o go-

Obter fundos para investimentos em infraestrutura será um desafio para o novo governo

verno indiano tem estimulado a demanda interna. A contribuição mais importante foi o aumento programado dos salários dos funcionários do governo, oferecendo um impulso oportuno aos gastos de consumo. O aumento é de aproximadamente 40% sobre os salários atuais, e os funcionários do setor público somam cerca de 20 milhões de pessoas.

O estresse: há fatores que preocupam em relação à capacidade da economia de voltar ao caminho do crescimento estável. O déficit fiscal aumentou da mesma forma no ano passado. Há geração de subsídios sobre combustíveis e fertilizantes, e

outro fator que contribui é a isenção de empréstimo a pequenos fazendeiros, com os quais o governo se comprometeu em reembolsar os bancos. A desaceleração do crescimento também causou desaceleração da arrecadação fiscal. Todos esses fatores levaram a taxa de déficit fiscal do PIB a estimados 6% para o ano de 2008-2009. Outra ameaça é a reversão no equilíbrio da situação dos pagamentos. A Índia tradicionalmente teve déficits em conta corrente, mas em 2008-2009 o excedente de contas de capital diminuiu significativamente, tornando-se até mesmo um pequeno déficit no trimestre outubro-dezembro. A Índia tem reservas suficientes de câmbio para acomodar os déficits duplos por algum tempo, mas a situação não pode ser sustentada por muito tempo.

Regressão ou flexibilidade?: com base em considerações anteriores, há fatores que apontam para a regressão (desaceleração em longo prazo da taxa de crescimento) e para

a flexibilidade (retorno a uma tendência de taxa mais saudável). Ambos os conjuntos dependem de condições internas e mundiais.

Perspectiva: tendemos a focar na flexibilidade. Vemos um primeiro semestre relativamente fraco (abril a setembro), com crescimento de cerca de 5% ao ano. Já no segundo semestre (de outubro a março), espera-se que a taxa de crescimento suba e atinja cerca de 7% ao ano. Diante da situação financeira mundial e das pressões fiscais internas, encontrar fundos para investimento em infraestrutura será um desafio essencial para o novo governo, programado para assumir neste mês de maio. O resultado das próximas eleições nacionais será fator crucial na habilidade do governo em lidar com as compulsões da estabilização macroeconômica e com o crescimento da sustentabilidade.

(*) Subir Gokarn é economista-chefe da Standard & Poor / Ásia-Pacífico.